

Orientador Educacional: o uso das tecnologias na busca ativa em tempos de pandemia

Silvana Corbellini¹
Lúcia Barros de Souza²

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo estudar o fazer pedagógico do orientador educacional em tempos de Covid-19, tendo como foco específico a busca ativa de estudantes. O atual cenário pandêmico instaurou no mundo inteiro um momento de anormalidade. Dentro da esfera educacional nacional, ressaltam-se duas questões marcantes: a suspensão das aulas presenciais e a adoção de atividades pedagógicas remotas, mediadas ou não por tecnologias. Desta forma, buscou-se realizar uma reflexão sobre os conceitos de busca ativa, uso de tecnologias, manutenção de vínculos, abandono e evasão escolar e analisar a atuação do OE neste contexto pandêmico. Utilizou-se o Estudo de Caso e para a coleta de dados um questionário *online* que foi respondido por 16 participantes. Os resultados da busca ativa possibilitaram a expressão de cuidado e valorização; o auxílio ao acesso aos aplicativos e plataformas de ensino; o engajamento com as atividades não presenciais; e a manutenção/criação de vínculos.

Palavras-chave

Orientação Educacional; Busca ativa; Tecnologias; Abandono escolar; Evasão escolar.

Recebido em: 13/10/2021
Aprovado em: 26/09/2022

¹ Professora Adjunta da área da Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação (UFRGS). Mestre em Psicologia Clínica (PUC/RS). Psicóloga (UNISINOS). Coordenadora do curso de especialização de Orientação Educacional na modalidade a distância e vice coordenadora do curso de especialização de Psicopedagogia e Tecnologias na modalidade a distância. Pesquisa nos seguintes temas: Psicologia da Educação, Cooperação, Uso de Tecnologias na Educação, Formação de Professores, Educação a Distância.
e-mail: silvanacorbellini@gmail.com

² Professora e Assessora Técnica da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (SMED/POA). Especialista em Alfabetização (FAPA) e em Orientação Educacional (UFRGS). Licenciada em Pedagogia - Anos Iniciais e Ed. Infantil (UFRGS).
e-mail: luciabarros.souza@gmail.com

Educational Advisor: the active search in thimes of Pandemic.

142

Abstract

The present work had as purpose to study the pedagogical doing of the educational advisor in times of Covid-19, with a specific focus the active searching for students. The current pandemic scenery established around the world a moment of abnormality. Inside the national educational sphere, two memorable points are highlighted: the suspension of the presential classes and the adoption of the remote pedagogical activities, mediated or not by technologies. Thus, it sought to reflect about the concepts of active search, Technologies, maintenance of bonds, scholar abandon and evasion and analyze the EA act in this pandemic context. It was used the Study of Case and for the data collection an online questionnaire that was answered by 16 participants. The results of the active search enabled the expression of care and appreciation; the support to the app access and teaching platforms; the engagement with non-presential activities; and the maintenance/creation of links.

Keywords

Educational Advisor; Active search; Technologies; Scholar abandon; Scholar evasion.

Introdução

O tempo pandêmico exigiu a reinvenção do fazer pedagógico de todo profissional da educação. Neste período de pandemia do Covid-19, na escola de atuação, enquanto realizava a busca ativa de estudantes que não estavam conectados à plataforma de ensino, tocou-me muito o encontro com suas realidades e dificuldades pessoais decorrentes do momento. Os inúmeros esforços para contatá-los, encorajá-los e acompanhá-los serviram de inspiração e mola propulsora para esta pesquisa.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal estudar o fazer pedagógico do orientador educacional (OE) em tempos de pandemia do Covid-19, tendo como foco específico a busca ativa de estudantes. Aqui, parte-se da compreensão de que o Orientador Educacional é aquele profissional que se dedica a busca de um aluno real e historicamente situado, ciente de seus direitos e deveres, aos quais, deve ser propiciado o acesso e pertencimento à escola (GRINSPUN, 2011).

Verificou-se que a busca ativa de estudantes tem sido realizada pelos orientadores/as participantes através de diferentes formas e estratégias (digitais e convencionais), embasadas em uma “práxis” revelando clareza conceitual, intencional e critérios que justificam a realização da mesma. Observou-se que as limitações encontradas durante o processo não foram motivos para impedir a busca ativa de estudantes em tempos de pandemia. Também foram apontadas possibilidades como a expressão de cuidado e a manutenção/criação de vínculos entre escola-alunos-famílias através da atuação, mediação e interlocução do OE.

Destaca-se que a temática de pesquisa, possibilita estudos futuros sobre as consequências da pandemia do Covid-19 para a esfera educacional e para toda a comunidade escolar envolvida e preocupada com o processo de ensino-aprendizagem.

Reflexões teóricas

A declaração do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em 11 de março de 2020, confirmou ao mundo a chegada do tempo da pandemia internacional ocasionada pela infecção humana pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19).

Instaurou-se, assim, um tempo pandêmico caracterizado por recomendações e protocolos sanitários tanto da OMS (isolamento e tratamento de casos identificados, testes massivos de detecção e distanciamento social) como de inúmeros decretos, portarias, notas técnicas, etc., emitidos no Brasil e no mundo.

Para Santos (2020), esse tempo tornou mais vulneráveis grupos sociais que já vivem à margem, bem como em um tipo de “quarentena social”: pobres, mulheres, idosos, deficientes, imigrantes, crianças cuidadas por avós, autônomos, ambulantes de rua, moradores de rua e de abrigos, etc. Esses, por mais esforço que façam, vivem isolados, discriminados e excluídos.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a pandemia vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias.

Esse tempo também tem sido marcado pela expansão do uso de canais de comunicação digitais na sociedade. Neste sentido, para Warschauer (2006, p. 283) “[...] a tecnologia pode servir para amplificar práticas sociais já existentes”.

Grinspun (2001, p. 16) afirma que “[...] a relevância da tecnologia na sociedade contemporânea está ratificada em todos os seus domínios e seus reflexos transcendem os resultados”. E, de acordo com Warschauer (2006) para além de

uma “inclusão digital” é necessário focalizar na “inclusão social” e nas desigualdades socioeconômicas, para a partir disso pensar em “iniciativas de promover a inclusão social por meio da tecnologia” (p.19).

Karnal (2020, s/p), em conversa com o Secretário de Educação do Estado de São Paulo, afirma que os tempos de guerras e pandemias fazem os educadores pensarem em novas formas de educação e que possibilita aos educadores quebrarem paradigmas.

Corbellini (2020) também afirma que precisamos quebrar paradigmas, sendo um deles a respeito da escola ser somente um lugar no qual se aprendem conteúdos. Refere a autora:

Em tempos de pandemia, em que a população se encontra em sofrimento psíquico, vulnerável, ater-se aos conteúdos pode ser um não senso. Hoje, precisamos auxiliar aos nossos estudantes a adquirirem condições de compreensão do mundo, das relações e de lidar com o que está ao seu redor (CORBELLINI, 2020, p. 67).

Silva & França (2015) afirmam que as transformações tecnológicas, “[...] impõem alterações na educação, exigindo novas reflexões sobre o papel da escola e do professor diante dessa realidade” (p.4). Contudo, Grinspun (2001, p. 17-18) aponta que não basta conhecer a tecnologia e construir conhecimento para produção da tecnologia, mas é preciso pensar na “postura do homem para *viver com e para* a tecnologia”. Consequentemente ela levanta uma reflexão: “[...] ainda não está claro que tipo de educação deveremos dar aos nossos alunos – em especial aos *criadores/produtores* da tecnologia – para dela fazer-se um aliado e não um simples objeto de dominação ou até de alienação” (p.18).

Dessa forma, entra em cena o Orientador Educacional e a sua prática nas instituições escolares. O verbo *orientar* significa indicar a direção, nortear. A orientação é uma prática ancestral, através da qual os povos antigos e tribais já “[...] possuíam agentes educativos que se responsabilizavam pelo

aconselhamento dos mais jovens, mais frágeis e mais angustiados” (GOLDBERG, 2013 *apud* ANGELI; SILVA, 2020, p. 508).

No campo educacional, Pascoal *et al.* (2008) dizem que o orientador educacional é necessário ao processo educativo, visto que na própria raiz da palavra *educação* encontra-se “orientar, guiar, conduzir o aluno” (2008, p. 103).

O atual tempo pandêmico tem trazido reinvenções, novos formatos e estratégias de ação para todos os campos profissionais, inclusive na atuação do OE. Segundo a fala do orientador Targa (2020) na *live* “Painel: Orientação Educacional: cases durante a crise e o que muda no futuro?”, durante esse período pandêmico, foram construídos caminhos de comunicação e parcerias com as famílias que não se imaginavam. Para ele, o serviço de orientação educacional tem sido um grande espaço de escuta atenta, reflexiva e cuidadosa, visto que lida com três grandes esferas - alunos, professores e famílias.

Em razão disto, Pereira (2020) enfatiza que os OE's precisam se adaptar e focar em suas funções que são: orientar o alunado e as famílias; humanizar essa relação; acompanhar o processo de aprendizagem; e acompanhar a questão emocional das famílias nesse contexto pandêmico. Ela afirma que os OE's aprenderam até a usar as redes sociais de forma mais específica, tratando-se de uma reinvenção, visto que somos seres capazes de aprender e trocar saberes. O que nos conduz a que pensar em TIC's e nas funções do OE, mesmo antes da emergente conjuntura pandêmica, é compreender o que Lopes (2013) argumenta:

Apesar dos dispositivos de pedagogização lançados pelas tecnologias, principalmente a Televisão e Internet, não cabe à escola negá-las, pois isto levará a resistências por parte dos alunos, mas, cabe ao Orientador Educacional junto à equipe pedagógica, organizar espaços e trazer para as escolas os dispositivos das tecnologias da informação e da comunicação que são disponibilizados aos usuários [...] (LOPES, 2013, p.4).

Na mesma concepção, Corbellini e Real (2020, p. 02) referem que:

Atualmente, não há como falar sobre mudanças na educação sem computarmos o uso das tecnologias. Mas também não podemos partir do pressuposto de que somente estas são suficientes ou garantia para que ocorra modificação. É preciso refletir sobre práticas pedagógicas, papéis do professor e do estudante, processos de ensino e aprendizagem, formas de gestão das instituições, currículos, políticas públicas, enfim, todos os fatores que compõem o universo educacional.

Outra questão importante a ser pontuada é a necessidade do OE buscar trabalhar em rede e com parcerias, o que é pontuado por Dias (2020): “Nesse processo de longe fisicamente, mas perto diariamente através da tecnologia, foi possível perceber que o trabalho em parceria e de forma coletiva é difícil mas o melhor caminho” (p.3).

O período atual é delicado e exige sensibilidade e excepcionalidade no fazer pedagógico profissional do OE. Aproximar saberes e afetos em meio a condição de distanciamento; promover alternativos canais de diálogos, inclusive com o uso de tecnologias; e orientar acolhendo, cuidando e encorajando se transformará no próximo *novo normal* na atuação do orientador educacional.

Dentre as práticas do Orientador Educacional, o destaque dessa pesquisa é a da busca ativa. No âmbito educacional, a terminologia “busca ativa de estudantes” está intrinsecamente relacionada à questão da infrequência escolar. As faltas em excesso, podem estar denunciando um caso de abandono escolar e uma futura evasão escolar. A infrequência, o abandono ou a evasão escolar no Brasil possuem causas que “se apresentam como desagregadoras da educação em todas as regiões do país” (SILVA; LIMA ARAÚJO, 2017, p. 36).

No Brasil, diferentes iniciativas e projetos governamentais ou não buscam formas para combater a infrequência, tais como: Projeto Aluno Presente, Busca Ativa

Escolar do Instituto TIM, Busca Ativa Escolar (Unicef/Brasil), APOIA/MPSC, entre outras promovidas pelas próprias escolas e redes de ensino.

Lemke e Silva (2010) trazem o conceito de busca ativa como um princípio político das práticas de cuidado na área da saúde. E o mesmo pode ser aplicado na área educacional como um conjunto de ações realizadas coletivamente entre escola, família, comunidade, mantenedoras e redes de ensino, órgãos de proteção e assistência social, entre outras instituições parceiras, cuja finalidade essencial é trazer novamente ao ambiente escolar e de aprendizagem o aluno infrequente ou que tenha abandonado os estudos.

Ou seja, são “[...] formas de enfrentamento com a perspectiva do sistema, da escola e individual, capazes de minimizar as causas que levam à superação de dificuldades para a diminuição da evasão e do abandono escolar” (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 54) e assim, possibilitar caminhos para que o direito à educação se efetive.

Nesse período de pandemia, ocorre a Busca Ativa Virtual da qual apresentaremos exemplos de iniciativas realizadas em estados brasileiros, bem como, autores que falam sobre as TIC's na educação para conceituar as possibilidades, meios, recursos e formas de busca ativa virtual e/ou convencional utilizadas nas iniciativas encontradas.

O Observatório de Educação do Instituto Unibanco expõe que a suspensão das aulas presenciais fez crescer a preocupação com a evasão escolar pois, inúmeras crianças e adolescentes não estão participando das atividades remotas, aumentando as chances de abandono dos estudos. Para o instituto, as ações de busca ativa tornam-se muito importantes e mobilizam não apenas educadores, mas também profissionais das áreas da assistência social e da saúde (INSTITUTO UNIBANCO, s/p).

Segundo o instituto, no estado do Piauí, a rede estadual utiliza o envio de mensagens por celular como um dos canais para realizar o contato com as famílias. Já em São Paulo, a rede estadual constatou que um dos desafios é localizar as famílias, pois há pais que trocam seguidamente de celular, assim, foi firmada uma parceria com uma empresa de engajamento para envio de mensagens por celular às famílias. Em Maranhão, a rede estadual adaptou os protocolos de busca ativa à nova realidade do ensino remoto e tem recorrido a outras bases de dados, como a do cadastro do Bolsa Família, ou aos Centros de Referência da Assistência Social. E, no Distrito Federal, o governo acionou os conselhos tutelares para ajudar na busca ativa durante a pandemia, além de enviar mensagens aos pais de alunos, por e-mail ou *WhatsApp*, alertando sobre a obrigatoriedade do ensino remoto.

Rodrigues & Teles (2019) afirmam que o aplicativo *WhatsApp* tem se destacado dentre as ferramentas tecnológicas que têm oferecido auxílio no campo pedagógico, pois “tem promovido interação entre grupos de alunos e professores” (p.19), é uma “ferramenta de comunicação rápida e promissora a ser utilizada como plataforma de apoio à educação” (p.20).

Em relação a formas tradicionais de comunicação, a visita domiciliar (VD) é uma ação de busca ativa que, mesmo em tempos pandêmicos, está sendo realizada. Botti e Andrade (2008), que investigaram sobre saúde mental, consideram que a visita domiciliar é “uma importante estratégia para a manutenção do vínculo, acompanhamento e busca ativa” (p.393). Para Brito e Xavier (2020), a visita domiciliar também é um instrumento sociopedagógico para a prática pedagógica.

Assim, compete aos integrantes das escolas, em especial ao OE a competência da busca ativa como um dos instrumentos para minimizar o abandono e a evasão escolar e, nesse período de pandemia, o uso de recursos tecnológicos torna-se um aliado imprescindível às suas práticas.

Percurso metodológico

Para este trabalho foi utilizado o Estudo de Caso (YIN, 2010). Como refere Yin, “o estudo de caso é o preferido no exame de eventos contemporâneos, mas quando os comportamentos relevantes não podem ser manipulados” (YIN, 2010, p. 32). Na visão de Duarte (2008), o estudo de caso pode constituir uma contribuição importante para o desenvolvimento científico e pode permitir uma visão em profundidade de processos educacionais, na sua complexidade contextual.

O objetivo geral foi investigar como a busca ativa pode contribuir para a manutenção de vínculos e o combate ao abandono e à evasão escolar em tempos de pandemia.

Os objetivos específicos foram: (a) verificar a ocorrência ou não de busca ativa por parte dos OE em tempos de pandemia e seus resultados; (b) analisar a concepção por parte dos OE de busca ativa como ferramenta para a manutenção de vínculos e o combate ao abandono e à evasão escolar; (c) identificar os meios (recursos e passos) tecnológicos ou não utilizados na busca ativa em tempos de pandemia; (d) verificar as limitações para a realização da busca ativa a partir da ficha cadastral dos estudantes; e (e) verificar as possibilidades que a busca ativa pode resultar.

Os sujeitos da pesquisa foram profissionais que estavam atuando na área da Orientação Educacional no município de Porto Alegre/RS durante o contexto da pandemia do Covid-19. Foram convidados 25 orientadores indicados por colegas da área. Desses, 18 aceitaram participar, mas somente 16 retornaram os questionários. Desses sujeitos, 14 trabalham na rede pública municipal e 2 na rede pública estadual e atuam da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (1º ao 9º ano).

Para a coleta de dados utilizou-se como instrumento um questionário *online* semiestruturado através da ferramenta *Google Formulário* com perguntas abertas e fechadas. Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). A seguir serão apresentados e analisados os dados coletados.

Analizando os dados

Aqui iremos apresentar os perfis traçados a partir das respostas aos questionários de dezesseis orientadores/as educacionais. Os participantes da pesquisa foram codificados de P1 a P16, de acordo com a ordem das respostas.

Em relação à rede de trabalho, a maioria (87,5%) afirmou trabalhar na rede pública municipal (quatorze participantes) e 12,5% na rede pública estadual (dois participantes). Sobre o tempo de exercício da profissão, 50% dos participantes trabalha de 1 a 5 anos (oito participantes), 18,8% de 10 a 15 anos (três participantes), 18,8% de 10 a 15 anos (três participantes) e 12,5% com mais de quinze anos na profissão (dois participantes).

Em relação à modalidade de ensino, a maioria (87,5%) afirmou trabalhar com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (quatorze participantes), 56,6% concomitantemente com Anos Finais (nove participantes), 43,7% concomitantemente com Educação Infantil (sete participantes), 1 participante afirmou trabalhar somente com Anos Finais (6,3%) e 1 participante em outra modalidade de ensino (6,3%). Nenhum participante afirmou trabalhar com Ensino Médio.

Em relação ao local de trabalho, a maioria afirmou trabalhar em Porto Alegre, 93,8% (quinze participantes) e somente 1 participante (6,3%) na Grande Porto Alegre. Nenhum participante trabalha em outra região do Rio Grande do Sul. Em

relação ao gênero, 15 participantes (93,8%) se identificaram como do gênero feminino e apenas 1 participante do gênero masculino (6,3%).

A partir dos dados qualitativos coletados, estabeleceram-se cinco categorias de análise que serão discutidas a seguir.

A Categoria 1: “Concepção de busca ativa” procura compreender qual(is) a(s) concepção(ões) que os OE possuem sobre a busca ativa na sua prática profissional. Aqui se encontra que 15 participantes possuem compreensão do conceito de busca ativa independente do contexto pandêmico. Como relatou P1: “Fundamental para o retorno pessoal pós-pandemia”. E, P2 diz que: “Uma forma de resgatar o vínculo com os alunos e familiares”. Da mesma forma, P3 refere que é uma “Tarefa imprescindível para manter ou resgatar o vínculo e o contato.”

Para a esfera educacional nesses tempos pandêmicos, o CME/POA (parecer nº 03/2020, p.31) define que as ações de busca ativa devem ser intensificadas e mobilizar toda a comunidade escolar em prol da identificação e localização dos estudantes com os quais não foi possível manter o vínculo no período da suspensão das atividades presenciais”. Nesse sentido, a Nota CAOIJEFAM/PREDUC/RS nº 02/2020, ao ressaltar que a escola deve “lançar mão de todas as ferramentas ou de envidar esforços à sua disposição para oportunizar aos alunos acesso aos conteúdos para as atividades escolares não presenciais” (p.18), também remete à ideia de busca ativa como uma ação política, conforme é trazido por Lemke e Silva (2010). Esse tema é ilustrado em diversas falas dos sujeitos, como P10 que diz: *Tentar por meios apropriados e seguros o contato e a compreensão da situação dos educandos.*

Em outros registros, há a ampliação de outros caminhos para a busca, como redes de apoio, compreensão social, resgate de cada caso individual, como nos seguintes: P9: *Esgotar todos os caminhos para trazer o aluno de volta para a escola: ligação, recados, busca na rede (posto de saúde, cras, conselho tutelar...)*. O P11 refere que *A busca ativa é uma ação que envolve a compreensão*

da problemática social e familiar dos nossos educandos e juntos com entidades de proteção amenizar e agilizar o retorno destes alunos que com certeza não dispõem do necessário, tanto material como emocional.

E, como refere P8, a busca ativa é um *Movimento importantíssimo realizado pela Orientação Escolar. Indispensável para o sucesso e participação de alguns alunos e famílias.* A AOERGS traz a busca ativa como ações “permanentemente necessárias ao Orientador Educacional” (AOERGS, 2020, p.8), assim, nessa perspectiva de trabalho em rede e da busca ativa como uma ação essencialmente própria do OE.

Na Categoria 2: “Intencionalidades e critérios da busca ativa” procura-se investigar se a busca ativa vem ocorrendo ou não, quais são as suas intencionalidades e quais os critérios que originam a prática.

Os 16 participantes responderam que têm buscado os estudantes e suas famílias durante a pandemia do Covid-19. Em relação às intencionalidades da busca ativa, a preocupação com a situação dos alunos e famílias foi manifesta como um dos objetivos, como relatam P6: “Os motivos mais comuns são a integração [...]; ações de distribuição de alimentos ou roupas...” e P12: “Muitas famílias procurando para desabafar o quão estava difícil ficar com os filhos em casa o tempo todo.”

Tais registros, remetem ao alerta de Santos (2020), o qual indicou que a atual emergência sanitária tornou mais vulnerável os grupos sociais que já vivem à margem e em um tipo de *quarentena social*, vivendo isolados, discriminados e excluídos. Remetem, também, ao que Warschauer (2006) pontua que o problema não se restringe à exclusão digital, mas a uma exclusão social.

A manutenção dos vínculos entre escola, alunos e famílias também foi uma das intencionalidades, como vimos em P2: “[...] para tentar manter o vínculo entre escola, comunidade e serviços [...]”; em P5: “[...] a fim de manter a aproximação”;

e em P8: “A intenção foi buscar aproximar a escola dos alunos e famílias. Bem como evitar a evasão escolar e buscar meios de ajudá-los a passar este momento tão ímpar.”

Para Grinspun (2003) uma das contribuições da orientação educacional para as questões dos vínculos é que a OE “estabelece um bom relacionamento com os demais protagonistas da escola” (p.95). Nesse sentido, Almeida (2015) afirma que para criar vínculos “é preciso que o docente conquiste este pequeno ser, sendo carinhoso, atencioso e acima de tudo, respeite as particularidades” (p. 2). E Romanelli (2009), afirma que o mesmo deve ser feito na relação entre escola-família.

Outra intenção da busca ativa manifesta pelos participantes foi a de prestar orientações sobre como estariam organizadas e disponibilizadas as atividades remotas, como é referido por P1: “Assim que iniciamos as atividades remotas entramos em contato com as famílias para dar orientações sobre o funcionamento das atividades pedagógicas.”

Na categoria 3: elencam-se quais os meios (recursos e passos) que os OE vêm utilizando na busca ativa. Foram citados por 12 participantes o uso conjunto de meios convencionais e digitais, 2 participantes afirmaram terem utilizado somente o telefone convencional e 2 participantes afirmaram terem utilizado somente os meios digitais, como se vê em P11: *Meios digitais* e P9: *Aplicativo de mensagem, Whatsapp*.

Em relação aos meios e recursos convencionais, o telefone foi um meio de busca ativa mencionado por 12 participantes. Silva & França (2015, p.5) trazem a consideração do autor Dumoulin *et al.* (2013) sobre o uso do telefone como meio também importante: “[...] o telefone pode facilitar a discussão com os pais com baixo nível de competência leitora, como é frequentemente o caso em regiões desfavorecidas” (DUMOULIN *et al.*, 2013, p.11). Ainda sobre os meios

convencionais, 5 registros trazem a presença física à escola com um meio de busca ativa, como se vê em P2: [...] *presença física na escola*; P8: [...] *encontros presenciais na escola [...]* e, P12: [...] *plantões na escola*.

A visita domiciliar (VD) também foi mencionada por P12: [...] *visita na residência*, revelando a “postura proativa” (BRASIL, 2007, p.8 *apud* LEMBKE; SILVA, 2010, p. 285) e corajosa que os profissionais da educação vêm demonstrando, visto estar-se em tempos de pandemia, cuja recomendação é o distanciamento social.

Já, dentre as desvantagens do uso das tecnologias, indicados pelos educadores pesquisados, destaca-se o fato de “[...] gerar aumento da carga de trabalho – especialmente porque requer tempo para ler as mensagens” (RODRIGUES; TELES, 2019, p. 32). No registro de P7 foi mencionado o envio de mensagem por *sms*. Esse registro também é importante pois, embora para o recebimento de mensagem é necessário que o usuário possua créditos, ainda há a possibilidade da pessoa estar sem acesso à internet, e, assim, uma mensagem *sms* tem sua utilidade e poderá surtir um efeito positivo de eventual retorno.

O uso de recursos tecnológicos pessoais para a realização do exercício profissional foi unânime. Este resultado, problematiza a questão da privacidade e sigilo na divulgação de dados pessoais dos profissionais, como no caso, o número do telefone/*WhatsApp*. Rodrigues e Teles (2019), revelam que para alguns educadores pesquisados por eles, este fato se constitui num aspecto negativo sobre o uso do *WhatsApp* para se comunicar com alunos e suas famílias.

Outro fato importante que esse resultado indica é que o contexto pandêmico tem modificado o fazer pedagógico de todos os envolvidos na educação (gestores, professores, equipe de suporte pedagógico, pesquisadores, etc.) e oportunizado aulas, encontros, reuniões, fóruns, seminários, comunicação, busca ativa, entre outros fazeres pedagógicos, através das mídias e recursos digitais. Isto não

significa financiamento e apoio governamental para subsidiar toda essa infraestrutura a estudantes e profissionais da educação.

Na Categoria 4: “Limitações da busca ativa” procura-se visualizar as limitações que os OE enfrentam para a realização da busca ativa. Aqui, os 16 participantes afirmaram terem encontrado limitações ou dificuldades para realizar a busca ativa a partir dos dados da ficha cadastral, sendo os números de telefones desatualizados, a falta de endereço eletrônico e a troca de endereços residenciais. Outra limitação apontada foi de não terem recebido ou terem recebido pouca orientação das instituições pertencentes para a busca ativa em tempos pandêmicos, o que não bloqueou a ação dos OE para a realização de busca ativa.

Por fim, os 16 participantes referem também as alterações no fazer pedagógico. A falta do contato presencial, através da instauração do trabalho remoto, foi indicada pelos participantes como um aspecto que alterou o fazer pedagógico do OE, como se vê em P1: “Mudou completamente. Nosso trabalho é muito intenso e o contato direto com as famílias é essencial para um bom andamento do ano letivo. O trabalho de orientador exige o olho no olho, conversa franca, apoio emocional o tempo todo, às vezes é com uma expressão, um gesto, um olhar, percebemos situações pertinentes ao nosso trabalho e isso se perde a distância.”

O distanciamento também foi considerado um fator prejudicial, além de que o exercício profissional fora do horário de trabalho, a exaustão e a angústia também foram apontados como aspectos que alteraram o fazer pedagógico do OE em tempos pandêmicos.

E, por fim, na Categoria 5: “Possibilidades da busca ativa” procurou-se elencar as possibilidades que os OE visualizam com a busca ativa. Os participantes analisam como positiva a busca ativa, como se vê em P1: [...] *eles ficavam muito contentes e agradecidos com a nossa preocupação*; P4: *Muitos retornaram*; P8: *Felizes, se sentem importantes*; P10: *Muitos passaram a ter contato com os professores*.

Indo ao encontro, as ressonâncias dos entrevistados elencam a busca ativa como possibilidade para a escola manifestar cuidado, preocupação e o valor de cada educando e família. Outro apontamento é que a busca ativa resultou em engajamento com as atividades remotas. Numa síntese dos registros, vê-se que a busca ativa possibilitou: engajamento na plataforma; realização e devolução das atividades remotas, seja via plataforma ou de forma presencial na escola; a interação com a turma e os professores; o saneamento de dúvidas; e, a adequação das atividades ao aluno por meio dos relatos dos familiares.

É importante destacar que os participantes pontuam a busca ativa como uma ferramenta inerente para a manutenção de vínculos e combate à evasão e ao abandono escolar, além de ser considerada como essencial para o resgate de alunos em tempos pandêmicos pelos OE.

Considerações finais

A partir do referencial teórico estudado e das contribuições e relatos trazidos pelos orientadores/as educacionais participantes desta pesquisa, ficou evidenciado que a busca ativa de estudantes realizada pelos orientadores educacionais em tempos de pandemia contribui para a manutenção de vínculos e o combate ao abandono e à evasão escolar.

Os OE demonstraram compreensão do conceito de busca ativa coerente com o que a maioria dos autores trabalhados neste trabalho apresentam. Ou seja, é uma ação “permanentemente necessária ao Orientador Educacional” (AOERGS, 2020, p.8), remete-se a uma “postura proativa e política” (BRASIL, 2007, p.8 *apud* LEMBKE; SILVA, 2010, p. 285) e pode ser realizada através de diferentes “formas de enfrentamento” (SILVA; ARAÚJO, 2017, p.54) com o objetivo de buscar e resgatar o aluno infrequente, ou seja, evitar ao máximo que o aluno

abandone os estudos e evada do sistema de ensino (MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Verificou-se que a busca ativa foi desempenhada de forma responsável, profissional, afetiva e humana, tão necessária para este tempo pandêmico. Os propósitos e intenções legitimaram a busca incansável, tais como: a preocupação com a situação física, emocional, econômica e intelectual dos alunos e famílias; a manutenção dos vínculos entre escola, alunos e famílias; a prestação de orientações às famílias quanto ao acompanhamento dos estudos remotos; o auxílio para o cadastro, acesso e uso de aplicativos e plataformas de ensino; e a expressão do cuidado e atenção. Nesse sentido, a orientação educacional caminha com o objetivo de construir pontes, derrubar muros e contribuir com as formações dos vínculos (GRINSPUN, 2003) e para a construção do conhecimento.

O emprego conjunto de meios convencionais e digitais para a realização da busca ativa mostrou-se como uma ferramenta imprescindível ao trabalho do OE, e hoje em tempos de pandemia, tornou-se um instrumento imprescindível para alcançar e vincular os alunos às escolas.

Ainda sobre os meios convencionais, a visita domiciliar, que é um instrumento de apreensão da realidade do estudante e contribui para a prática pedagógica (BRITO; XAVIER, 2020), evidenciou a postura corajosa de alguns OE (e aqui me insiro) que em tempos de pandemia lançaram mão deste meio e alcançaram resultados positivos.

Observou-se, também, que para os OE a falta do contato presencial e a instauração do trabalho remoto foram registrados como fatores que impactaram o fazer pedagógico desses profissionais. Contudo, a utilização dos recursos tecnológicos, como aplicativos de mensagens, aplicativos de reuniões, redes sociais, entre outros, foram agregadores e propiciaram novas formas de

comunicação, de acompanhamento pedagógico e de busca ativa, contribuindo para a manutenção de vínculos e para o combate ao abandono e à evasão escolar em tempos de pandemia. Trata-se de um período de construção de novos conhecimentos que podem, inclusive, produzir novos formatos ao fazer pedagógico da orientação educacional. E, neste sentido, a AOERGS (2020, p.4) diz que “é imprescindível pensar diferentes formas e estratégias de trabalho para a Orientação Educacional”.

As limitações para a realização da busca ativa apontadas pelos OE como a desatualização dos dados cadastrais dos estudantes, o atendimento remoto fora do horário de trabalho, a exaustão, as angústias, a falta de acesso aos documentos orientadores e a (des)orientação de outros não paralisaram os OE frente ao desafio de buscar os estudantes em tempos pandêmicos.

Por conseguinte, verificou-se que a gama de possibilidades advindas da busca ativa alcançou, para a maioria dos alunos e famílias buscadas e encontradas, os objetivos a que se propunha, ou seja, contribuiu para a manutenção de vínculos e para o combate à evasão e ao abandono escolar em tempos de pandemia. Diante da problemática da evasão e do abandono escolar que está perpassada pelo investimento ou falta dele, pelas políticas públicas em educação, e pelos atravessamentos das diferentes realidades pessoais, socioeconômicas, estruturais e escolares da sociedade brasileira, considero que a temática desta pesquisa possibilita a continuidade de estudos sobre a busca ativa de estudantes nestes tempos pandêmicos da Covid-19, suas consequências, limitações e possibilidades para tempos futuros.

Referências

ALMEIDA, Y. F. S. de A. Vínculo afetivo e suas contribuições na relação professor-aluno. IX Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq. 9. **Anais** [...]. 19 a 23 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3611/710/862.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.

ANGELI, C. da R.; SILVA, G. B. Emoção tem nome. **Mostra De Iniciação Científica Do Cesuca** - ISSN 2317-5915, [S.l.], n. 14, p. 503-512, jan. 2021. ISSN 2317-5915. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/1898>. Acesso em: 01 mar. 2021.

AOERGS, 2020. **E-book Plano de ação para a orientação educacional durante e pós pandemia Covid-19**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C2_887q_5GBWYveS5QoayzhgLDsKTDzN/view. Acesso em: 04 jan. 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BOTTI, N. C. L.; ANDRADE, W. V. A Saúde Mental na atenção básica – articulação entre os princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 13, n. 3, dez. 2008. ISSN 2176-9133. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/12991>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRASIL. **Portaria nº 188**, de 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>.> Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 6**, de 20 de março de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/DLG6-2020.htm>. Acesso em: 28 nov. 2020.

BRITO, F. de S.; XAVIER, C. N. A visita domiciliar como instrumento sociopedagógico para a prática pedagógica na educação profissional e tecnológica. **Revista Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 93884-93898, Dez. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20842>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Comissão Especial). **Parecer nº 03/2020**, de 23 de junho de 2020. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smed/usu_doc/parecer_003

_2020_reorganizacao_calendario.pdf. Acesso em: 05 nov. 2020.

CORBELLINI, S. A construção da cidadania via cooperação na Educação a Distância. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SIED 2012 e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância EnPED 2012, São Paulo, Anais do SIED, 2012. ISSN 2316-8722. Disponível em: <http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/59-897-1-ED.pdf>. Acesso em 11 abr. 2020.

CORBELLINI, S. BNCC: nos trilhos do trem. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas/MS, v. 1, n. 5, p. 1-163, dezembro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/anacptl/article/view/11311>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CORBELLINI, S; REAL, L.C. Espaços cooperativos: uma prática pedagógica na Educação Superior. **Tecnologias, sociedade e conhecimento**, v.7, n. 1, jul. 2020. Disponível em: <https://www.nied.unicamp.br/revista/index.php/tsc/article/view/272/267>. Acesso em: 08 fev. 2021.

DIAS, C. C. O que me afeta, enquanto orientador educacional em tempos remotos. **Revista Eletrônica Do Isat**. Volume 13 / edição 1 / dez. 2020. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero13/1%C3%A9Cristiane_Dias_O_que_me_afeta.pdf. Acesso em: 01 mar. 2021.

DUARTE, J. B. Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. **Revista Lusófona de Educação**, 2008, 11, p. 113-132. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n11/n11a08.pdf> Acesso em 23.Set.13.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabroza Zippin. **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GRINSPUN, M. (org.). **Supervisão e orientação educacional: perspectivas de integração na escola**. São Paulo; Cortez, 2003.

GRINSPUN, M. (org.). **Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para escola**. 5. ed. São Paulo; Cortez, 2011.

INSTITUTO UNIBANCO. **Como está sendo feita a busca ativa de alunos nas redes de ensino**. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-esta-sendo-feita-a-busca-ativa-de-alunos-pelas-redes-de-ensino/>. Acesso em: 02 jan. 2021.

KARNAL, L. Leandro Karnal conversa sobre os desafios da educação durante

pandemia com professores da rede estadual. **Série de bate-papos nos intervalos das aulas online transmitidas pelo Centro de Mídias SP.** Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/leandro-karnal-conversa-sobre-os-desafios-da-educacao-durante-pandemia-com-professores-da-rede-estadual/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LEMKE, R. A.; SILVA, R. A. N. A busca ativa como princípio político das práticas de cuidado no território. **Revista Estudos e Pesquisas**; Psicologia; UERJ; REVIPSI. v. 10, n. 1 (2010). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9036>. Acesso em: 14 fev. 2021.

LOPES, S. F. M. O orientador educacional elencando as TIC's como elo na construção da aprendizagem na escola. ARTEFACTUM - Descobrimos Cientistas – **Revista de Estudos em Linguagem e tecnologia**. Ano V, nº 1, mai. 2013. <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/150>. Acesso em: 08 mar. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO/RS. **Termo de Cooperação**, de 29 de agosto de 2011. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/gapp/arquivos/termo_cooperacao_ficai.pdf. Acesso em: 04 out. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO/RS. **Nota Técnica Conjunta CAOIJEFAM/PREDUC/RS nº 02/2020**. De 25 de junho de 2020. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/atuacaomp/arquivos/notatecnica02_pr_educs.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

PASCOAL, M.; HONORATO, E. C.; ALBUQUERQUE, F. A. O orientador educacional no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, pág. 101-120, junho de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n47/06.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

PEREIRA, T. **LIVE: Papel e Atribuições do Orientador Educacional neste momento de Educação Remota?** Congresso Brincar – lives pedagógicas (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oXzYQSy9sDg>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PORTO ALEGRE. Plano Municipal de Educação. **Decreto nº 20.534**, de 31 de março de 2020. Disponível em: http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3310_ce_286414_1.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Comissão de Enfrentamento à Infrequência –

SMED/CEI/POA. **Documento Orientador nº 3/2020**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nUyBob-7E4iTKLL_RpKrx22djoecj1mZ/view. Acesso em: 30 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Comissão de Enfrentamento à Infrequência – SMED/CEI/POA. **Documento Orientador nº 8/2020**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ecGQtTqCjXEQwjw6ozYuQS1OhgFEbrZr/view>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Comissão de Enfrentamento à Infrequência – SMED/CEI/POA. **Documento Orientador nº 9/2020**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kuWo7evSHP1T71CS7hFl1-oXlKQZ74SQ/view>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 55.128**, de 19 de março de 2020. Disponível em: <https://www.diariooficial.rs.gov.br/materia?id=396798>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RODRIGUES, T. C.; TELES, L. F. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 254, pág. 17-38, abril de 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812019000100017&lng=en&nrm=is. Acesso em: 25 fev. 2021.

ROMANELLI, G. Pais, filhos, alunos: Famílias de camadas populares e a relação com a escola. In PINHO, S. Z. (Org.). **Formação de Educadores: o papel do educador e a sua formação** São Paulo: Editora Unesp, 2009, (pp. 371-382). Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ll3HlNrmxOkC&oi=fnd&pg=PA371&ots=gUCrHUzp_v&sig=pEH3o-ZaA26XndOKInNVDuWo8xg#v=onepage&q&f=true. Acesso em: 26 jan. 2021.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação ISBN 978-972-420-8496-1 CDU 347.

SANTOS, V. Comunicação Escolar: as melhores ferramentas e estratégias para se comunicar bem com alunos e famílias. **REVISTA NOVA ESCOLA**. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19464/comunicacao-escolar-as-melhores-ferramentas-e-estrategias-para-se-comunicar-bem-com-alunos-e-familias>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SANTOS, V. S. E. Visita domiciliar como instrumento de inclusão social na busca de garantia de acesso à permanência estudantil da Unicamp. **16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**. Tema: “40 anos da “Virada”

do Serviço Social”. Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, 8(1), 2017. 35-48. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/24527>. Acesso em: 9 jan. 2021.

SILVA, F. L.; FRANÇA, C. S. Comunicação professor-família: uma experiência utilizando TIC na escola pública. **Revista Tecnologias na Educação** – Ano 7 – número 12 – Julho 2015. Disponível em: <http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Rel4-vol12-julho2015.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

TARGA, L. O. Colégio Vértice/Comissão de Orientação Educacional. **Painel "Orientação Educacional: cases durante a crise e o que muda no futuro?"** - EDUCA WEEK 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=okoe9Jhu_ug. Acesso em: 13 ago. 2020.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. Mark Warschauer; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.